

HUMANAS E SOCIAIS
V.8 • N.2 • Agosto/Setembro/Outubro - 2019
ISSN Digital: 2316-3801
ISSN Impresso: 2316-3348
DOI: 10.17564/2316-3801.2019v8n2p83-98



CINEMA, PSICOLOGIA POSITIVA E RESILIÊNCIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

MOVIES, POSITIVE PSYCHOLOGY AND RESILIENCE:
A SYSTEMATIC REVIEW

CINE, PSICOLOGÍA POSITIVA Y RESILIENCIA:
UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA

Ivan Fortunato¹
Gisele M. Schwartz²

RESUMO

Este artigo apresenta o resultado de uma revisão sistemática realizada a respeito da relação tripartida Cinema, Psicologia Positiva e Resiliência, tendo os próprios termos como descritores ou palavras-chave, em português e em inglês. Os artigos localizados foram avaliados a partir de título e resumo e, na sequência, inventariados tecnicamente e analisados qualitativamente. Inicialmente, foram localizadas mais de 2400 produções, sendo filtrados apenas 10 artigos que sinalizam a possível existência da relação tripartida proposta. Ao final, evidencia-se tal relação como uma lacuna na produção interdisciplinar, identificando uma área de pesquisa a ser explorada com profundidade.

PALAVRAS-CHAVE

Estado da Arte. Filmes. Psicologia. Resiliência.

ABSTRACT

This paper presents the result of a systematic review about the tripartite relationship between Cinema, Positive Psychology and Resilience. The review was carried out with the elements themselves as keywords or descriptors, both in Portuguese and in English. The articles were evaluated based on title and abstract and, subsequently, they were technically inventoried and qualitatively analyzed. More than 2,400 productions were initially located, but only 10 articles indicate the possible existence of the proposed tripartite relationship. At the end, this relationship is evidenced as a gap in interdisciplinary production, showing a research area to be explored in depth.

KEYWORDS

State of Art. Films. Psychology. Resilience.

RESUMEN

Este artículo presenta los resultados de una revisión sistemática sobre la relación tripartita Cine, la resistencia y la Psicología Positiva, y las mismas condiciones que los descriptores o palabras clave en portugués y en Inglés. Los artículos localizados fueron evaluados a partir de título y resumen y, después, inventariados técnicamente y analizados cualitativamente. Inicialmente, se localizaron más de 2400 producciones, siendo filtrados sólo 10 artículos que señalan la posible existencia de la relación tripartita propuesta. Al final, se evidencia tal relación como una laguna en la producción interdisciplinaria, identificando un área de investigación a ser explorada con profundidad.

PALABRAS CLAVE

Estado del Arte. Películas. Psicología. Resiliencia.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo foi desenvolvido a partir de tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, da Universidade Estadual Paulista, campus Rio Claro (FORTUNATO, 2018). Nesta, levantou-se a hipótese de que o cinema seria poderosa tecnologia para o desenvolvimento humano, pois poderia oferecer elementos para catalisar o processo resiliente nos espectadores. Além disso, acreditou-se que, se analisado pela ótica otimista da Psicologia Positiva, o cinema poderia se tornar tecnologia para o desenvolvimento resiliente com foco no bem-estar e na felicidade.

O progresso da tese dependia, portanto, do enlace tripartido entre (1) o cinema como tecnologia para o desenvolvimento humano, (2) os fundamentos da Psicologia Positiva e (3) a resiliência como potencial força de caráter. Mas, seria possível este enlace? Estudos deste tipo já tinham sido realizados? Este artigo tem como objetivo oferecer subsídios para responder tais inquietações, a partir de uma revisão sistemática da literatura. De acordo com Ferreira (2002), esse tipo de revisão, às vezes qualificada como Estado da Arte, tem como característica principal inventariar e descrever o campo que se propõe estudar. Geralmente, busca-se a produção nas bases de dados acadêmicos e o mapeamento se desenvolve de maneira informativa, pois, trata-se de catalogar a produção, em princípio, pelos títulos e resumos. Ainda que isso possa ser qualificado como um limite ao Estado da Arte, deve-se entender que esse estado é capaz de *ligar* o tema pelo conjunto de teorias, objetos, objetivos e métodos que o investigam.

Para alcançar os propósitos deste artigo, inicia-se com uma discussão acerca da possível trama cinema, Psicologia Positiva e resiliência. Em seguida, apresenta-se um inventário técnico da produção selecionada, evidenciando datas, locais, os autores, as instituições, os objetivos, os métodos e a base teórica. Na sequência, apresenta-se uma análise qualitativa de cada artigo encontrado. Ao final, espera-se consolidar um panorama da produção acadêmica, como forma de esclarecer sua contribuição ao campo do cinema como tecnologia para o desenvolvimento humano, e deste para a Psicologia Positiva e os estudos da resiliência.

2 PRIMEIROS ARGUMENTOS PARA UMA RELAÇÃO TRIPARTIDA

O enlace proposto cinema, Psicologia Positiva e resiliência requer uma base teórica sustentada por três pilares, configurados da seguinte maneira: (1.) o cinema como tecnologia para o desenvolvimento humano, especialmente por causa de suas características de entretenimento, conexão, inspiração e educação; (2.) a Psicologia Positiva como fundamento epistemológico, especificamente sua relação com valores, felicidade e bem-estar; e (3.) o conceito de resiliência como constructo psicológico para uma vida feliz.

Embora a relação do cinema como tecnologia para o desenvolvimento humano possa soar como algo exaustivamente já estudado, entende-se que este pode ser percebido, da maneira descrita por

Niemiec e Wedding (2012, p. 19), como um meio de comunicação “[...] capaz de retratar as sutilezas da mente humana – pensamentos, emoções, instintos e motivos – e seu impacto no comportamento”. Nesse sentido, estudar o cinema equivale a refletir sobre as “sutilezas” humanas, cuja pesquisa está longe de ser esgotada. Aliás, Blasco *et al.* (2005, p. 124) afirmaram que “[...] o cinema aumenta as possibilidades do concreto, das vivências, que em cada pessoa se encontram reduzidas a um pequeno repertório de experiências reais. O cinema aumenta a possibilidade de ver e de ouvir”.

Com isso, as aventuras e desventuras vividas pelos personagens do cinema, potencialmente criam, recriam, ampliam e/ou reduzem significados já cristalizados e, portanto, os modificam. Inclusive, uma narrativa criada ou adaptada ao cinema pode ajudar a compreender melhor a própria existência, individual e coletiva. Tudo isso se torna mais claro no trabalho sobre cinema apresentado por Fabris (2008, p. 118), o qual entende que as histórias criadas e seu sistema de significações “[...] mexem com nosso inconsciente, embaralham as fronteiras do que entendemos por realidade e ficção”. Assim, para essa autora, o mundo do cinema deve ser compreendido como uma forma muito eloquente, na qual a realidade se apresenta para quem o assiste. Aqui, é preciso tomar essa realidade conforme Bernadet (1985) nomeou de “impressão de realidade”, isto é, uma ilusão tão verdadeira, que o cinema faz com que a ilusão seja vivida como se fosse real.

Dessa maneira, toma-se como pressuposto fundante que a ficção criada para o cinema é uma pretensa ficção, porque permanece difusa entre uma hipotética fronteira, a qual poderia separar a vida real da imaginada. Por isso, torna-se possível tratar as narrativas criadas, para personagens inventadas, como experiências que tocam o “devir”, em cada um que se envolve com a trama. Com isso, o cinema apresenta-se como poderosa tecnologia para o desenvolvimento humano, pois possibilita a aprendizagem de si. As palavras de Fabris (2008) esclarecem e ampliam essa perspectiva do cinema, pois, para a autora, é possível viver as histórias dos personagens como se o espectador estivesse efetivamente vivendo as cenas, sentindo as dores, as angústias, o medo, o suspense, as alegrias, mas também, rindo, cantando, dançando etc.

Assim, pode-se relacionar o cinema com as sutilezas das emoções positivas, a partir de uma conceituação apresentada por Niemiec e Wedding (2012, p. 393). Trata-se da “experiência da elevação cinematográfica”, qualificada, pelos próprios autores, como “a experiência de uma emoção positiva ao ver um personagem exibir uma força de caráter, associada a uma intenção de agir para o bem”. Isso posto, a produção de Niemiec e Wedding (2012) se torna fonte robusta para pensar sobre a relação entre o cinema e Psicologia Positiva, especialmente, ao proporcionar um olhar prosaico aos dissabores da vida.

A literatura especializada³ tende a reconhecer o trabalho de Seligman e Csikszentmihalyi (2000) como pedra fundamental de uma linha de investigação em Psicologia, nomeada como Psicologia Positiva. Nesse referido trabalho, os autores esclarecem a ideia original e os principais propósitos desta linha, ao postularem o seguinte: “O campo da Psicologia Positiva, no nível subjetivo, trata de experiências subjetivas valorizadas: bem-estar, contentamento e satisfação (no passado); esperança e otimismo (para o futuro); e fluxo e alegria (no presente)” (SELIGMAN; CSIKSZENTMIHALYI, 2000, p. 5, tradução livre).

3 Por exemplo, praticamente os 42 capítulos da coletânea de Linley e Joseph (2004) fazem referência ao trabalho original de Seligman e Csikszentmihalyi (2000) como o pioneiro da área.

Em linhas gerais, a Psicologia Positiva é uma tentativa de mudança de foco da própria Psicologia como ciência aplicada, procurando ir muito além do estudo das fraquezas, das doenças cognitivas, emocionais e afetivas, e da superação de traumas, mas, antes, focando nas virtudes e no vigor do ser humano e em sua inata capacidade de ser feliz. Isso quer dizer que a Psicologia Positiva, ao invés de somente trabalhar para “consertar” a psique, busca nutrir os valores e as experiências de bem-estar em cada ser humano. Isso é evidenciado por Jorgensen e Nafstad (2004, p. 18), ao considerarem o seguinte ponto de partida: “o ser humano é dotado de potenciais para um caráter positivo ou virtudes”.

Com isso, observa-se que a evolução da Psicologia Positiva tem se baseado, na classificação de Peterson e Seligman (2004), os quais apresentam seis virtudes, qualificadas a partir de suas respectivas forças de caráter: (1.) sabedoria, (2.) coragem, (3.) humanidade, (4.) justiça, (5.) temperança e (6.) transcendência. Baseia-se, ainda, na ideia de Seligman (2004) a respeito de uma ciência que estuda a vida agradável, a felicidade e o bem-estar, e da estrutura caracterizada em virtudes e forças de caráter. Assim, partindo dos aspectos positivos na busca pela felicidade, parece que a resiliência como constructo psicológico deveria ser investigada como uma das forças de caráter, da virtude coragem.

Nesse caso, a resiliência deve ser compreendida conforme definição apresentada sinteticamente, porém completa, por Boris Cyrulnik (2011, p. 271): “resiliência significa mais do que a capacidade de resistir. Significa, também, aprender a viver”. Considera-se, ainda, o entendimento dado por Brandão *et al* (2011) de que, ser resiliente, é muito mais do que apenas se recuperar de um dano, mas antes, superar-se e, conseqüentemente, “crescer”, no sentido de amadurecer psicologicamente e, dessa forma, assumir a própria identidade. É preciso considerar, ainda, a definição apresentada por Rodrigues, Barbosa e Chiavone (2013, p. 247), qualificando a resiliência como uma “adaptação saudável diante das adversidades”.

Yunes (2003) argumentou que a própria definição lexical da palavra resiliência varia entre os idiomas, sendo que o dicionário norte-americano amplia a definição brasileira, ao considerar aspectos de saúde e caráter, ou seja, predicados aplicáveis a seres humanos. Segundo levantamento realizado pela autora, o conceito tem sido utilizado pelas Engenharias e pela Física desde a primeira década do século XIX, contudo, a resiliência como processo de melhoria psicológica tem sido estudada há cerca de quatro décadas, somente tendo sido enfatizada pelas Ciências Humanas nos anos finais do século passado.

Para Barbosa (2006, p. 26), desvendar o potencial resiliente das pessoas é contribuir para melhorar sua qualidade de vida e prolongar a existência, uma vez que “trata-se de viver a experiência transcendental do renascer das amarras do sofrimento e da adversidade”. Brandão *et al* (2011), depois de longo mergulho bibliográfico, também remontam aos anos 1970 como provável início do termo aplicado à Psicologia, além de apresentarem três variações aos possíveis usos e interpretações do conceito de resiliência: uma corrente norte-americana sendo pragmática, buscando relações causa-efeito; uma corrente europeia psicanalítica, considerando os fatores internos de uma pessoa como fundação para a ação resiliente; e uma corrente latino-americana, compreendendo a resiliência a partir de um enfoque social. Apesar dessas variações de foco, os autores consideram que as três correntes se encontram, ao compreenderem que ser resiliente é muito mais do que apenas se recuperar de um dano, mas antes, superar-se e, conseqüentemente, “crescer”, no sentido de amadurecer psicologicamente e, dessa forma, assumir a própria identidade.

Os argumentos apresentados parecem evidenciar o cinema como tecnologia para o desenvolvimento humano, capaz de permitir aprender e refletir sobre resiliência, catalisando lições necessárias para superação de si mesmo, seja enfrentando debilidades do próprio corpo, as difíceis relações de poder, ou as fantasias da própria mente. Não obstante, apesar de haver indícios para qualificar o cinema como tecnologia capaz de permitir aprender a resiliência, será preciso, caso não exista, confirmar um corpo teórico robusto a respeito desse enlace tripartido.

3 DA PESQUISA SISTEMÁTICA

Como a Psicologia Positiva se consolida como campo no ano 2000, este se torna o ano de início da busca bibliográfica. Com relação ao local de busca, artigos recentes sobre revisão sistemática indicam algumas bases de dados virtuais específicas como locais ótimos de pesquisa (NEF *et al.*, 2013). Alguns artigos indicam bases tais como *Science Direct* (VERONEZE *et al.*, 2017), *PubMed*, *Lilacs* e *High Wire* (HALLAL *et al.*, 2007) e o Portal de Periódicos CAPES (SILVA; FORTUNATO, 2016). Há, ainda, a biblioteca Scielo Brasil, que concentra revistas nacionais de alto impacto, cuja base de dados é importante referência para o levantamento sistemático⁴.

Em todos os referidos artigos sobre revisão sistemática, a busca foi realizada por meio de descritores, ou seja, palavras-chave que representam o tema da pesquisa. Aqui, os descritores são três e a busca sistemática feita pela combinação dos três descritores e, na sequência, pelo agrupamento de dois. Assim, em cada base de dados⁵, a busca sistemática foi realizada da seguinte maneira, totalizando oito buscas em cada: (a) Psicologia Positiva “AND” Cinema “AND” Resiliência; (b) Positive Psychology “AND” Movies “AND” Resilience; (c) Psicologia Positiva “AND” Cinema; (d) Positive Psychology “AND” Movies; (e) Psicologia Positiva “AND” Resiliência; (f) Positive Psychology “AND” Resilience; (g) Cinema “AND” Resiliência; (h) Movies “AND” Resilience.

Inicialmente, foram localizados mais de 2400 artigos publicados em revistas nacionais e internacionais. Somente no Portal de Periódicos da CAPES, na busca inicial, retornaram mais de 2200 artigos; destes, quase todos escritos em inglês. Não foi possível refinar a busca por área do conhecimento, pois, ao selecionar “Psicologia”, “Educação”, “Comunicação”, “Sociologia” e “Saúde Pública” (as mais atinentes ao desenvolvimento humano), o resultado se manteve. Partiu-se, então, por uma busca por tópicos, sendo selecionados apenas “*Positive Psychology*” e “*Resilience*”. Neste caso, o resultado foi de aproximadamente 460 artigos.

4 Não se pode negar a existência do *PsycCritiquesBlog*, site que apresenta base de dados de resenhas de filmes e artigos curtos, diretamente relacionados com a Psicologia Positiva. Contudo, sua produção não tem aderência direta ao Estado da Arte, pois são textos de opinião.

5 Eis os links para as bases de dados e as datas de seus respectivos acessos: <http://www.sciencedirect.com/science/search>, acesso 27 fev. 2017; <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed>, acesso 04 mar. 2017; <http://lilacs.bvsalud.org/>, acesso 19 mar. 2017; <http://highwire.stanford.edu/lists/freeart.dtl>, acesso 20 mar. 2017; <http://www.scielo.br/>, acesso 15 abr. 2017; <http://www.periodicos.capes.gov.br/>, acesso 15 abr. 2017.

Como o número de trabalhos encontrados ainda estava alto para uma análise qualitativa do conteúdo, foi feita a triagem pelo título, buscando aqueles que tratassem mais especificamente de Cinema e/ou Resiliência e/ou Psicologia Positiva (e seus respectivos termos em inglês). Neste caso, o número de artigos foi reduzido para 32 (trinta e dois).

Na sequência, foi feita a leitura de todos esses resumos, com o propósito de encontrar evidenciada a relação cinema, Psicologia Positiva e resiliência; estivessem, tais evidências, no título, no tema, no objetivo, no método, nos resultados ou nas conclusões. Como filtro, foram aplicados os descritores nos resumos, de forma que estes estivessem no centro da discussão, eliminando, assim, vários casos em que foram apenas mencionados dentro de um rol de qualificadores (ex.: a resiliência foi amiúde mencionada no meio de vários elementos, como crescimento pessoal, autorrealização e bem-estar). Dessa leitura, o total de artigos selecionados foi reduzido para 24 (vinte e quatro).

Com o propósito de delimitar ainda mais este levantamento, com foco na relação tríplice, os resumos foram novamente avaliados, tendo como critério de inclusão para as próximas etapas – inventário e análise qualitativa – a presença de, pelo menos, dois descritores como elementos centrais da discussão. Dessa forma, o número total de artigos selecionados, após longa filtragem, foi de 10 (dez), sendo estes: Shoshani e Slone (2016); Brown (2015); Leão, Souza e Castro (2015); Cohrs *et al.* (2013); Omar *et al.* (2011); Niemiec e Schulenberg (2011); Quale e Schanke (2010); Costa Jr. (2010); White, Driver e Warren (2008); Pan e Chan (2007).

4 DO INVENTÁRIO COMPLETO, OU DA ANÁLISE TÉCNICA

A revisão sistemática e os filtros aplicados levaram ao total de 10 artigos. Estes podem ajudar a consolidar um possível Estado da Arte que relaciona o cinema como tecnologia para o desenvolvimento humano, com a busca pela felicidade e otimismo da Psicologia Positiva e/ou com a resiliência como um construto psicológico facultado a todas as pessoas.

Assim, com base nas categorias já utilizadas em Pereira, Fortunato e Lourenço (2016), iniciou-se a análise dos “achados”, apresentando um inventário com dados elementares destas publicações, referentes ao ano da efetiva publicação, o periódico, as informações de autoria e de instituição. Na sequência, partiu-se para dados mais complexos, cuja busca requereu uma análise mais detalhada da produção, evidenciando o método empregado, o foco/objetivo e uma possível base teórica comum (esta, localizada pelas referências utilizadas sobre o tema em cada artigo e no cruzamento destas). Dos artigos filtrados, o mais antigo é de 2007 e o mais recente de 2016.

Se os artigos encontrados estavam bem distribuídos temporalmente, relação similar foi encontrada na distribuição geográfica das instituições de origem da produção dos estudos e das instituições responsáveis pelos periódicos. O total de instituições envolvidas na produção dos artigos foi 19, sendo cinco dos Estados Unidos, quatro do Brasil, duas de Israel, duas da Noruega e uma de cada um dos seguintes países: Argentina, Alemanha, China, Inglaterra, Irlanda do Norte e Nova Zelândia. Quanto aos periódicos, os 10 artigos selecionados foram publicados em nove periódicos distintos, sendo que a revista *Rehabilitation Psychology* foi a única em que foram localizados dois artigos. Quatro periódicos são publicados por instituições dos Estados Unidos, dois do Brasil, e um em cada um dos seguintes países: Holanda, Japão, Portugal e Suíça.

Para concluir a primeira parte do inventário, foram identificadas a formação básica e pós-graduada dos 25 autores, os quais participaram da elaboração dos 10 artigos. Apenas no caso de três (03) autores, não foi possível identificar a formação, seja por ausência destes dados no artigo, seja pelo insucesso, após longa busca pela *internet*, nos *sites* institucionais e, até mesmo, nas redes acadêmicas (como *researchgate.net* e *academia.edu*) e sociais (como Facebook®), ou contato por correio eletrônico. Todos os autores eram pós-graduados no momento da elaboração dos manuscritos, a maioria com doutorado (68%).

Quanto à área específica de formação na graduação, quatro (04) não foram identificados, sendo que a maioria, 14 no total, representando 56%, era graduada em Psicologia. Foram identificadas outras sete (07) áreas de formação, com um representante de cada, sendo estas: Comunicação, Serviço Social, Ciências Sociais, Ciências do Exercício, Educação, Educação Física e Pedagogia. Assim como a área de graduação predominante, a Psicologia é a área de doutoramento com maior índice entre os autores, sendo 12 no total (48%), tendo representantes das Ciências Biomédicas, Cinesiologia, Educação, Comunicação, Desenvolvimento Humano, Sociologia e Saúde Pública.

Na continuidade, a análise da produção recaiu sobre os seguintes elementos: método empregado nos artigos, o foco/objetivo de investigação e uma possível base teórica comum. Para a análise do método, o enquadramento foi feito a partir da distinção quanto à natureza quantitativa ou qualitativa, para identificação das técnicas de pesquisa e de análise de dados. Assim, foi necessário ler os artigos, procurando pela descrição do método (ou materiais, ou técnicas) e, nos casos em que não havia qualquer menção, na introdução, a respeito do método empregado ou seção específica, foi preciso identificá-lo pela própria condução do trabalho. Nesse sentido, verificou-se que Pan e Chan (2007), White, Driver e Warren (2008), Omar *et al.* (2011) e Brown (2015) não expressaram seus métodos nos textos, no entanto, a estrutura dos três manuscritos deixa claro que se tratam de pesquisas bibliográficas, com o propósito de revisar a “ideia” de resiliência. Cohrs *et al.* (2013) também fizeram uso da pesquisa bibliográfica, para tratar da ideia de paz, de acordo com a ótica da Psicologia Positiva.

Outro autor que não expressa, tampouco descreve seu método, é Costa Jr. (2010). No entanto, mesmo que seu texto seja bastante argumentativo, trata-se de uma análise de conteúdo do filme *Shoah*. Embora Leão, Souza e Castro (2015) tenham utilizado o conceito de “ensaio” para descrever suas análises sobre o filme “O contador de histórias”, a leitura do manuscrito evidencia que sua pesquisa também foi feita pela análise de conteúdo fílmica. O mesmo fizeram Niemiec e Schulenberg (2011), sendo que estes utilizaram o conteúdo de três filmes, os quais podem colaborar com uma visão mais positiva em relação à aceitação da morte.

Quale e Schanke (2010), por sua vez, realizaram um estudo de caso, avaliando oito (08) pacientes com lesão na espinha ou traumas múltiplos, dentro de uma perspectiva de resiliência, de recuperação, ou de angústia. Shoshani e Slone (2016) também realizaram estudo de caso, avaliando a força de caráter e virtudes de mais de 1000 adolescentes, os quais viviam em áreas de guerra, em Israel.

Com isso, foi possível constatar que a maioria dos artigos é de natureza qualitativa (80%), além de se verificar o uso de três métodos, sendo que a revisão bibliográfica foi o preferido (50%), seguido pela análise de conteúdo fílmico (30%) e estudo de caso (20%).

Depois de inventariados os métodos, buscou-se identificar o foco (ou objetivo) de cada artigo, seguindo o mesmo padrão utilizado para localizar o método: leitura, procurando identificar o que os próprios autores indicaram como foco, ou, na sua ausência, leitura atenta para identificar o propósito do manuscrito. Nesse sentido, Pan e Chan (2007, p. 164) não tiveram a preocupação de enunciar um objetivo para seu artigo, no entanto, deixam evidente que sua revisão de literatura teve como meta apresentar a resiliência como “nova área de pesquisa em Psicologia Positiva”.

Niemiec e Schulenberg (2011) conseguem explicar seu objetivo apenas na conclusão, denotando que filmes podem influenciar positivamente o processo de aceitação da morte. Brown (2015) também não declara seu objetivo, mas, pela revisão, busca deixar claro que se trata de uma pesquisa que pretende estabelecer um processo de educação (formal ou não-formal) para a resiliência, a partir de pessoas que passaram por processos resilientes. Leão, Souza e Castro (2015) também não expressaram um objetivo para seu ensaio, sendo necessário inferir que se trata de correlacionar a teoria bioecológica com o filme selecionado para o estudo.

Se esses autores não tiveram a preocupação de expressar claramente seus objetivos, por outro lado, White, Driver e Warren (2008) enunciaram três objetivos para sua pesquisa: discutir sobre a resiliência em pessoas com lesões traumáticas, indicar potenciais pesquisas e analisar instrumentos que se propõem a mensurar a resiliência. Quale e Schanke (2010) também registraram seu objetivo: identificar três trajetórias psicológicas em pessoas gravemente feridas, sendo estas a resiliência, a recuperação ou a angústia.

Na análise fílmica realizada por Costa Jr. (2010, p. 5), o autor expressou como objetivo a ideia de “revalorizar a imagem do filme Shoah”. Omar *et al.* (2011, p. 269) também foram explícitos ao enunciar que “o objetivo deste trabalho foi desenvolver, com base nos últimos dados científicos, um modelo explicativo da resiliência em jovens e adolescentes”. Cohrs *et al.* (2013) apresentaram, como propósito da sua pesquisa bibliográfica, a proposta de correlacionar a Psicologia Positiva com a Psicologia da Paz. No estudo de caso, Shoshani e Slone (2016) aplicaram questionário para confirmar a correlação entre sintomas psiquiátricos e a exposição de jovens e adolescentes à violência política, terrorismo e guerra.

Para encerrar o inventário, buscou-se uma possível base teórica comum, por meio da análise das referências utilizadas. O critério de análise foi a identificação, em cada artigo, das referências cujo título expressava a correlação entre os três descritores. Como resultado, nenhuma referência foi localizada. Na sequência, utilizou-se como critério a presença de, no mínimo, dois descritores nos títulos das referências, isto é: Cinema e Psicologia Positiva; Cinema e Resiliência; Psicologia Positiva e Resiliência (incluindo seus respectivos termos em inglês). Em nenhum dos 10 artigos foi possível localizar qualquer referência que atendesse a esse critério.

5 DA ANÁLISE QUALITATIVA

Em pesquisa anterior sobre mapeamento de produção, o material selecionado para identificação do Estado da Arte foi inventariado e, na sequência, analisado qualitativamente, a partir da elaboração

de uma síntese de cada artigo (SILVA; FORTUNATO, 2016). Dessa forma, uma vez estabelecido o cenário mensurável do Estado da Arte – datas, instituições de produção e publicação, áreas de graduação e pós-graduação dos autores, métodos, objetivos e referências – o olhar recai sobre cada artigo e suas contribuições teóricas e/ou metodológicas específicas. A ordem de apresentação é cronológica, do mais antigo (2007) ao mais recente (2016).

No artigo “*Resilience: a new research area in Positive Psychology*”, Pan e Chan (2007) apresentaram, por meio de uma análise bibliográfica, a resiliência como uma nova área de pesquisa na Psicologia Positiva. As autoras identificaram que os trabalhos consultados apresentam a resiliência sob duas perspectivas: como um traço de personalidade, ou como um processo. No primeiro caso, parece haver um consenso a respeito da resiliência como uma habilidade humana inata, que se desenvolve cotidianamente diante às adversidades. No segundo caso, a literatura não reconhece a resiliência como uma característica inata, mas construída de acordo com a experiência e as relações estabelecidas nos ambientes familiar, social e cultural. Conforme Pan e Chan (2007), a literatura atual tem trabalhado para evidenciar que a definição mais acertada para resiliência seria a que está focada no processo. Especificamente, a Psicologia Positiva tem como meta intervir nesse processo, em busca de aspectos positivos e de felicidade, muito mais do que apenas buscar a superação dos fatores de risco e dos eventos traumáticos.

Já White, Driver e Warren (2008) focaram na resiliência de pessoas com lesões cerebrais e na coluna, para tentarem encontrar o processo resiliente nesses casos e avaliar dois instrumentos de medida de resiliência (o CD-RISK e o RSA, apontando o primeiro como mais promissor). Os autores definiram a resiliência como um processo individual e multidimensional, o qual depende de qualidades individuais, além de estrutura familiar e social para adaptação após eventos traumáticos. Apesar dos objetivos enunciados, os autores focaram sua argumentação na proposição de pesquisas futuras, que busquem avaliar trabalhos clínicos de construção positiva da resiliência em pessoas gravemente lesionadas em três estágios: antes, durante e imediatamente após o momento do trauma.

Costa Jr. (2010), ao escrever sobre o documentário *Shoah* – o qual apresenta mais de nove horas de gravação de depoimentos sobre os campos de extermínio nazista, narrados por sobreviventes, nazistas e testemunhas do holocausto – tinha como propósito valorizar o próprio filme como catalisador do processo de resiliência. Apoiar-se em Cyrulnik (2005) e na ideia de que a narrativa sobre a memória, sobre o testemunho, ou mesmo de forma ficcional, é uma forma eloquente de incitar o processo resiliente. A importância do filme, esclarece Costa Jr (2010, p. 18), é que, além de cumprir o papel na elaboração do processo de resiliência das pessoas que narraram, “também nós espectadores temos a oportunidade de enfrentar esse trauma e inferir em um processo de resiliência”.

Quale e Schanke (2010), no artigo “*Resilience in the face of coping with a severe physical injury: a study of trajectories of adjustment in a rehabilitation setting*”, buscaram avaliar oito pacientes internados com lesão na espinha ou traumas múltiplos, por meio de uma escala de lesão (*Abbreviated Injury Scale*), entrevista psicológica e questionário. O propósito era verificar se os pacientes se enquadravam dentro de uma dessas trajetórias: resiliência, recuperação ou angústia. Os autores enfatizaram que a resiliência é uma capacidade comum a todas as pessoas, sendo que todos podem

aprender e/ou desenvolver traços de resiliência física, emocional e comportamental. Com isso, por meio de uma intervenção baseada na Psicologia Positiva, deve-se ir além da adaptação à lesão, mas focar nas virtudes e forças de caráter dos pacientes, para que esses consigam cultivar sua própria força psíquica, para o enfrentamento positivo das contingências da vida pós-traumática.

No artigo “*Understanding death attitudes: the integration of movies, positive psychology, and meaning management*”, Niemiec e Schulenberg (2011) trataram da ansiedade provocada pelo medo da morte e como os filmes podem ajudar a mitigar tal situação. De um ponto de vista da Psicologia Positiva, os autores entendem que um filme é um meio muito eloquente para desafiar questões pessoais, pois o espectador pode se identificar com as personagens e, assim, se envolver na trama de uma forma muito positiva para sua própria vida.

No texto “*Un modelo explicativo de resiliencia en jovenes y adolescentes*”, Omar *et al.* (2011) apresentaram como propósito a elaboração de um modelo de resiliência baseado em cinco variáveis positivas, sendo: otimismo, senso de humor, emoções positivas, bem-estar e inteligência emocional. Os autores entendem a resiliência como a capacidade bem sucedida de adaptação às adversidades da vida e/ou a situações de risco. Assim, para cada variável apresentada, descreveram uma proposição para estimular e acelerar tal adaptação, desenhando, portanto, um modelo com sete propostas que ainda estão por ser testadas.

Ao escreverem “*Contributions of Positive Psychology to Peace*”, Cohrs *et al.* (2013) se debruçaram sobre aspectos positivos das emoções, virtudes, valores e forças de caráter, para entenderem como o processo de resiliência pode colaborar com a paz (individual, local, nacional e, até, global). Apesar de exaustivo levantamento bibliográfico, os autores não apresentaram uma posição sobre resiliência, tampouco conseguiram elaborar claramente a relação que propõem estudar entre a Psicologia Positiva e a Psicologia da Paz, tendo a resiliência como um dos processos mais importantes para essa correlação.

Leão, Souza e Castro (2015) teceram análise de um documentário, o qual retrata a vida de um educador brasileiro (o Roberto), cuja trajetória de vida foi permeada por vulnerabilidades – familiar, social, econômica, criminal, de violência etc. Para as autoras, a narrativa do filme é capaz de potencializar o desenvolvimento humano, ao revelar as estratégias de resiliência do personagem principal. As autoras entendem a resiliência como uma capacidade de responder, reagir e se recuperar, com otimismo, positividade e perseverança, às adversidades e aos desafios que se apresentam durante a vida. Mesmo assim, para se qualificar esse processo como resiliente, a pessoa deve conseguir manter-se equilibrada após a superação do evento traumático ou desfavorável. Por fim, reconhecem que o potencial de desenvolvimento humano que há no filme não é acionado pelo simples ato de assisti-lo, pois requer que a complexidade exibida seja pensada e repensada.

Para Brown (2015), no artigo “*Building children and young people’s resilience: lessons from psychology*”, os processos de resiliência pós-trauma e de resiliência sobre eventos cotidianos têm os mesmos componentes. Para o autor, os eventos corriqueiros que perturbam o bem-estar físico, emocional e mental servem como um “ensaio” para respostas resilientes. Brown (2015) encontrou, nas estratégias da Psicologia Positiva, a qual foca nos valores e nas virtudes, fonte profícua para o desenvolvimento daquilo que ele chamou de *resiliência natural*, ou seja, a resiliência nutrida nos eventos

cotidianos e fortalecida pelas relações familiares e sociais. Ao final, propõe que esses elementos da Psicologia Positiva aplicados à resiliência natural sejam incorporados nos programas escolares, como forma de promover características resilientes em jovens e crianças.

No último artigo selecionado, Shoshani e Slone (2016) aplicaram quatro instrumentos de mensuração psicológica em mais de mil jovens e adolescentes que viviam em locais próximos a zonas de conflito militar em Israel. Um dos instrumentos utilizados foi o VIA-Y, criado por Park e Peterson (2006), pesquisadores de Psicologia Positiva. Trata-se de um questionário, o qual busca mensurar as 24 forças de caráter no respondente. Os resultados deste estudo de caso comprovam que a proximidade dos adolescentes com zonas de conflito tem efeitos “corrosivos” em suas personalidades.

Dessa leitura e identificação de elementos-chave dos artigos inventariados, verifica-se que existe uma possível correlação entre cinema e resiliência (especialmente nas questões de *narrativa* e *identificação*), entre Psicologia Positiva e resiliência (no que diz respeito ao desenvolvimento de forças de caráter, virtudes e valores para potencialização do processo resiliente), e entre cinema e Psicologia Positiva (essa relação, contudo, carece um pouco mais de esclarecimento). Não obstante, a correlação tríplice cinema, Psicologia Positiva e resiliência, não foi localizada, demandando um exame teórico mais profundo.

6 A PRODUÇÃO ACADÊMICA, O CINEMA, A PSICOLOGIA POSITIVA E A RESILIÊNCIA

O filósofo Julián Marias (1955), ao escrever sobre a imagem da vida humana, na década de 1950, já descrevia o cinema como um poderoso meio de enriquecimento da vida. Por outro lado, o autor o tratava apenas como possibilidade, afirmando que o universo do cinema ainda se encontrava em um estágio inexplorado, longe de ser compreendido em toda sua potencialidade. Apesar de todo desenvolvimento da tecnologia digital e audiovisual, e da popularização do cinema, ocorridos nessas seis décadas posteriores aos escritos do filósofo, parece sensato afirmar que as capacidades de engrandecimento da vida, latentes no cinema, ainda não foram, nas palavras do autor, plenamente “colonizadas”. A busca pela possível inter-relação do cinema com a Psicologia Positiva e a resiliência é apenas uma evidência de que essa metafórica colonização proposta por Marias (1995) não foi efetivada nesses poucos mais de sessenta anos.

Ao se permitir ensaiar sobre o cinema, Marias (1995) coloca-o não como um espelho ou representação da vida, mas, como uma janela, a qual permite divisar além da própria vida, favorecendo criar, imaginar e até sonhar sobre novas possibilidades. Essa metafórica janela pode ser entendida como uma abertura para uma realidade subjetiva exterior, apresentando um mundo potencial, diferente do que se está sendo vivido. Uma janela figurativa, como uma fenda no cotidiano, aberta para o devir, torna-se potencial elemento de desenvolvimento humano.

Nesse sentido, o cinema, pela ótica da Psicologia Positiva, pode colaborar com as intenções sexagenárias do filósofo, pois os trabalhos mais recentes de Niemiec e Wedding (2012) e Niemiec (2012) indicam que os valores, as estratégias e as forças de caráter, expressos pelos protagonistas, carregam

a possibilidade de melhorar a vida de quem os assiste. Trata-se da já delineada experiência da “elevação cinematográfica”, bem como, da “admiração cinematográfica”: atitudes que podem motivar o espectador a reproduzir a principal força de caráter do protagonista para autoajuda, ou para ajudar o próximo, ou motivar para tornar-se melhor, mesmo que nenhuma ação específica seja resultado direto das características assertivas e/ou construtivas observadas em determinado filme. De certa forma, esses elementos positivos podem ser vistos pelo cinema-janela, para uma vida melhor.

Evidências disso tudo foi objetivo desse possível Estado da Arte: retratar o quanto avançaram as descobertas da pesquisa acadêmica a respeito da riqueza do cinema para o desenvolvimento humano, tornando possível a busca da positividade para uma existência mais prosaica da Psicologia Positiva, pela formulação de respostas adequadas às vicissitudes da vida, por meio do processo de resiliência. Assim, depois de localizados e catalogados os artigos, percebe-se que houve um lapso de tempo considerável entre as primeiras publicações sobre Psicologia Positiva, no ano 2000, e o primeiro trabalho mapeado no ano 2007, cuja distribuição foi balanceada até 2016.

Ainda, é possível reconhecer que os trabalhos selecionados neste mapeamento, após a aplicação de filtros de busca, têm sido produzidos e publicados ao redor do planeta. Concentram-se nas Américas, com destaque para o Brasil e Estados Unidos, não tendo sido localizados trabalhos no continente africano. Por fim, é notável o interesse da Psicologia nestes estudos, possibilitando inferir que, até o ano de 2016, parece sensato qualificar essa investigação tríplice como uma busca disciplinar, apesar de mobilizar elementos para uma desejável busca interdisciplinar.

Com relação ao inventário mais complexo, percebe-se que a natureza qualitativa de pesquisa, por meio de estudo bibliográfico e/ou da análise de conteúdo fílmico, são, respectivamente, o método e as técnicas preferidos nesse tipo de pesquisa. Já os objetivos, embora variados, encontram eco em termos como “correlação” e a busca pela qualificação e/ou classificação do que pode ser entendido por “resiliência”. Esses dois elementos ressoam positivamente com o método proposto e os objetivos desta tese, evidenciando que suas escolhas estão alinhadas com a produção da área.

Assim, quando o inventário revela que a base teórica dos 10 artigos não apresenta qualquer texto (livro ou capítulo, artigo de periódico ou conferência) que expressamente inter-relacione cinema, Psicologia Positiva e resiliência, pode-se entender que foi localizada uma lacuna importante nos estudos de cada um desses elementos. Ao final deste levantamento e da análise dos 10 artigos selecionados, verifica-se que, apesar de relativo dissenso na literatura, a resiliência pode ser compreendida como um atributo humano, mas que requer estratégias para que seja aprendida e incorporada. Importante notar que tais estratégias não dependem de um evento único e potencialmente traumático e/ou danoso, contudo, esses passam a ser decisivos para desencadear o processo de resiliência.

Outro ponto esclarecido pela literatura é que o otimismo e o foco no bem-estar, deflagrados pela Psicologia Positiva, têm forte correlação com o desenvolvimento do processo de resiliência. Ainda, apesar de a participação do cinema ser pouco explorada nesse processo, os artigos encontrados revelam que a narrativa e/ou a identificação com o protagonista são poderosos elementos de um filme para elaboração e fomento do processo resiliente.

REFERÊNCIAS

- BERNADET, J. **O que é cinema**. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BLASCO, P. G. *et al.* Cinema para o estudante de medicina: um recurso afetivo/efetivo na educação humanística. **R. B. E. Méd.**, v. 29, n. 2, p. 119-128, 2005.
- BRANDÃO, J. M. *et. al.* A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. **Paideia**, v. 21, n. 49, p. 263-271, 2011.
- BROWN, R. Building children and young people's resilience: lessons from psychology. **Int. J. D. Risk Reduction**, v. 14, n. 2, p. 115-124, 2015.
- COHRS, J. C.; CHRISTIE, D. J.; WHITE, M. P.; DAS, C. Contributions of Positive Psychology to peace: toward global well-being and resilience. **American Psychological Association**, v. 68, n. 7, p. 590-600, 2013.
- COSTA JR., M. A. Cinema como resiliência: Shoah, de Claude Lanzmann. **Doc On-line**, v. 9, n. 1, p. 5-18, 2010.
- CYRULNIK, B. **Resilience**: how your inner strength can set you free from the past. Translated by David Macey. New York: Penguin, 2011.
- FABRIS, E. H. Cinema e educação: um caminho metodológico. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 117-134, jan./jun., 2008.
- FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Estado & Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.
- FORTUNATO, I. **Quando a resiliência vai ao cinema**. Tese (doutorado em Desenvolvimento Humano). Rio Claro: IB, UNESP, 2018.
- HALLAL, P. C.; DUMITH, S. C.; BASTOS, J. P.; REICHERT, F. F.; SIQUEIRA, F. V.; AZEVEDO, M. R. Evolução da pesquisa epidemiológica em atividade física no Brasil: revisão sistemática. **Rev. Saúde Pública**, v. 41, n. 3, p. 453-460, 2007.
- JORGENSEN, I. S.; NAFSTAD, H. E. Positive psychology: historical, philosophical, and epistemological perspectives. In: LINLEY, P. A.; JOSEPH, S. (org.) **Positive Psychology in Practice**. Hoboken: John Wiley & Sons, Inc., 2004, p. 15-34.
- LEÃO, M. A. B. G.; SOUZA, Z. R.; CASTRO, M. A. C. D. Desenvolvimento humano e teoria bioecológica:

ensaio sobre “O contador de histórias”. **Psic. esc. educ.**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 341-348, 2015.

MARIÁS, J. **La imagen de la vida humana**. Buenos Aires: Emece Editores, 1955.

NEF, T.; GANEA, L. R.; MÜRI, R. M.; MOSIMANN, U. P. Social networking sites and older users: a systematic review. **Int. Psychogeriatrics**, v. 25, n. 7, p. 41-53, 2013.

NIEMIEC, R. M. Cinematic elevation and cinematic admiration: Can watching movies positively impact you? **Amplifier**, Washington, v. 10, n. 1, p. 10-11, 2012.

NIEMIEC, R. N.; SCHULENBERG, S. E. Understanding death attitudes: the integration of movies, Positive Psychology, and meaning management. **Death Studies**, v. 35, n. 5, p. 387-407, 2011.

NIEMIEC, R. M.; WEDDING, D. **Psicologia Positiva dos Filmes**: usando filmes para construir virtudes e características fortes. Barueri: Novo Século, 2012. 453p.

OMAR, A. G.; PARIS, L.; DELGADO, H. U.; SILVA JR., S. H. A.; SOUZA, M. A. Un modelo explicativo de resiliencia en jóvenes y adolescentes. **Psicol. estud.**, v.16, n.2, p. 269-277, 2011.

PAN, J.; CHAN, C. L. W. Resilience: a new research area in Positive Psychology. **Psychologia**, v. 50, n. 3, p. 164-176, 2007.

PEREIRA, P. S. S.; FORTUNATO, I.; LOURENÇO, C. A educação ambiental em periódicos brasileiros de ensino de física. **Rev. Br. EA**, v. 11, n. 2, p. 127-138, 2016.

PETERSON, C.; SELIGMAN, M. **Character strengths and virtues**: a handbook and classification. New York: Oxford University Press, 2004.

QUALE, A. J.; SCHANKE, A. Resilience in the face of coping with a severe physical injury: a study of trajectories of adjustment in a rehabilitation setting. **Rehabilitation Psyc.**, v. 55, n. 1, p. 12-22, 2010.

RODRIGUES, R. T. S.; BARBOSA, G. S.; CHIAVONE, P. A. Personalidade e resiliência como proteção contra o burnout em médicos residentes. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 37, n. 2, p. 245-253, 2013.

SELIGMAN, M. E. P.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive Psychology: an introduction. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 5-14, 2000.

SHOSHANI, A.; SLONE, M. The resilience function of character strengths in the face of war and protracted conflict. **Front. Psychol.**, v. 6, n. 1, p. 1-10, 2016.

SILVA, A. C.; FORTUNATO, I. Jogos na formação inicial de professores de física: mapeando a produção bibliográfica nacional. **RIFP**, v. 1, n. 4, p. 56-63, 2016.

VERONEZE, R. B.; ZAMBALDE, A. L.; SOUSA, D.; RENNÓ, A. S. As relações entre a universidade e o mercado sob a perspectiva do marketing: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Foco**, v. 10, n. 1, p. 195-220, 2017.

WHITE, B.; DRIVER, S.; WARREN, A. Considering resilience in the rehabilitation of people with traumatic disabilities. **Rehabilitation Psyc.**, v. 53, n. 1, p. 9-17, 2008.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. esp., p. 75-84, 2003.

1 Coordenador do curso de Formação Pedagógica do IFSP, Itapetininga, SP, Brasil. Professor permanente PPGEd/UFS-Car, Sorocaba, SP, Brasil. ivanftr@yahoo.com.br

2 Professora permanente dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade e em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, UNESP, Rio Claro, SP, Brasil. schwartz171@yahoo.com.br

Recebido em: 18 de Fevereiro de 2019

Avaliado em: 16 de Abril de 2019

Aceito em: 5 de Maio de 2019



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhaqual CC BY-SA

